

Fazenda, 15,5,1914

Rangel:

Que estranha é a alma humana! Vivo ha tempos com intenção de escrever-te e não escrevia, embora o *far niente* fosse absoluto. Agora que ocorreu por aqui uma revolução e estou abarbadado de serviços e problemas, acho tempo para esta carta! Imagine você que ha dias, cansado de ser hospede em minha fazenda, cansado da minha literatura a *batons rompus*, cansado de fazer fotografia e pintar aquarelas e de ler uns Balzacs um tanto maçadores, deliberei repentinamente mudar, e da reserva me passar á ativa. Expus a situação ao meu administrador e dispensei-lhe os serviços. Mas o homem estava aqui de pedra e cal. Sorriu-se da minha ingenuidade de diletante e, fingindo ceder, pediu uma semana de prazo e pôs-se a conspirar nas minhas ventas sem que eu o percebesse. E sugestionou os camaradas e colonos todos, ameaçou aos que não pôde convencer (ele é parente do Moreira Cesar de Canudos), preparou tudo para uma embolia geral dos serviços, justamente agora que tenho de dar começo á colheita. E finda a semana do prazo me disse com a maior segurança: “Seu doutor, sem eu aqui a colheita deste ano está perdida, mas continuo sempre ás suas ordens”, e partiu na besta calçada, *pac, pac, pac*.

Eu então solenemente desci da Casa Grande e fui para a Casa da Administração assumir o governo da fazenda em que até aquela data vivera como hospede. E o que ocorreu foi abracadabrante. Começaram a chegar das fazendas e lugarejos visinhos carros de boi e burros de tropa, que vinham buscar “meus camaradas”, “meus colonos”. E todos começaram a retirar-se, sem virem me dizer coisa nenhuma. Eu não entendia aquilo. Por fim um velho italiano, o Raimundo, que está na fazenda ha trinta anos e cuida da criação e dos serviços do terreiro, veio despedir-se de mim.

– “Então você vai tambem, Raimundo?”

– “Que remedio! Tenho de ir...”

– “Tem de ir? Como? Não entendo...”

– “Eu não posso falar, seu doutor. Tenho de ir, tenho de ir...”

O caso começou a intrigar-me. Apertei o Raimundo, o qual, por fim, com muito medo, tudo me contou: o administrador passara aquela semana do prazo conspirando contra mim. Arranjara colocação nas fazendas vizinhas para todos os meus colonos, devendo a mudança se fazer no dia em que ele fosse embora, de modo a ficar um exodo em massa. E a ele Raimundo e a outros ameaçara de morte, se não saíssem tambem naquele dia. O plano era deixar-me impossibilitado de colher o café_ a não ser que eu o readmitisse como administrador, caso em que todos os colonos voltariam e ficaria tudo como dantes. Ou eu cedia ou arruinavam-me!

Retesei todos os musculos da alma e virei heroi.

— “Raimundo, vai-te para o inferno! Que todos vão para o inferno! Não preciso de ninguem aqui. Eu sabia de tudo, escrevi para S. Paulo e mandei contratar lá cincoenta colonos novos. Você vá dizer para essa gente que está saindo, ou vai sair, que o que quero é que saiam todos o mais breve possivel, para desocupar as casas. Preciso delas para os colonos novos”.

O Raimundo ainda contou que o administrador ia voltar no dia seguinte para ver se alguem o havia desobedecido. E eu: “Se voltar, não passa daquela porteira! Mato-o como quem mata um cão!”

O pobre homem assombrou-se e foi contar aquilo aos outros. Todos se convenceram de que o patrão era um homem tremendo, que matava de verdade, e começaram a mudar de ideia, a perder o medo ás ameaças do administrador. E como no dia seguinte o truculento administrador não reaparecesse para “ver quem o havia desobedecido”, o pessoal todo foi voltando, muito desapontado. Dias depois estavam todos cá, sem exceção dum só_ e eu vencedor e dono final da minha fazenda.

Isso aumentou muito a consideração que eu merecia de mim mesmo. Vi que sei agir com firmeza e psicologia nas emergencias tempestuosas.

Ontem perdi o sono e conclui a leitura do *Cousine Bette*. Rangel, Rangel! Balzac me assombra. É genio dos absolutos. Lembro-me duma imagem de Zola, comparando a obra de Balzac a um colossal edificio inacabado_ tijolos nús, andaimes, só o arcabouço externo. Não é nada disso. Não tem nada de inacabado_ mas Balzac não é homem que desça a truques, remates, ornamentos secundarios. Pinta a largas espatuladas. Diz o essencial, cria blocos apenas, formidaveis blocos, mas não alisa a pedra, não usa lixas, não lhes enfraquece a grandeza. Que tipos! Que prodigios! Que coerencia! Que fertilidade! Que mina! Que celeiro de ideias e imagens! Que multidão de gente viva estua dentro de seus romances! Como perto dele é palido e artificial Zola, com sua arte mecanica, sua logica invariavel, seu romantismo despido das belezas heroicas do romantismo! Balzac nem em capitulos divide a narrativa. Aquilo rompe e rasga, e vai numa catadupa tumultuosa, numa avalanche, até o fim. *Quelle puissance!* Já li *Cesar Birotteau* e a *Cousine* e afundo-me agora em toda a sua obra, como num mar. Já não dispenso todo Balzac!

Adeus. Meu ajudante de ordens me chama para resolver qualquer coisa. Vou decidir, impor sabiamente a minha vontade. Sou rei deste territorio de 1.800 alqueires de montes e vales.....

Continuemos. Já atendi ao caso. Foi assim: “Que ha Chico?” principiei. O Chico Eusebio coça a perna e diz: “Não vê que parece que o homem vem mesmo amanhã. Mandou dizer”. Levei o Chico Eusebio para minha sala e

mostrei-lhe uma carabina Marlin de doze tiros. Carreguei-a e descarreguei-a diante de seus olhos atonitos. “Doze?” “Doze, sim, Eusebio, e veja que balas”. E ele: “Boas para matar queixadas”. “Ou parentes do Moreira Cesar de Canudos”, emendei eu. “Mande dizer a esse homem que pode vir, mas trate de fechar o corpo primeiro”.

Balzaqueano, hein?

LOBATO